

95/1

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

MONOGRAFIA II - DID 039

MONOGRAFIA

"ESCOLA INFORMAL ESCRAVA ANASTACIA E CRECHE INFORMAL TIA
APARECIDA: DUAS EXPERIÊNCIAS MARGINALIZADAS"

por

Maura Weber de Almeida

Rio de Janeiro

1995.1

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCACAO

MONOGRAFIA II - DID 039

"ESCOLA INFORMAL ESCRAVA ANASTACIA E CRECHE INFORMAL TIA
APARECIDA: DUAS EXPERIENCIAS MARGINALIZADAS"

Trabalho realizado em cum-
primento a exigência de
DID 039.

Por: Maura Weber de Almeida

Rio de Janeiro

1995.1

DEDICATORIA

A DEUS por ter me ilumina
e me dado forcas na trajetória
deste difícil trabalho.

Aos meus pais e ao meu
noivo, que desde o início do cur-
so até o ponto final deste traba-
lho, me incentivaram nesta car-
reira tão difícil e árdua, mas
gratificante.

AGRADECIMENTOS

A todos os indivíduos da favela de Vila Anastácia que fizeram das suas experiências de vida, uma prática educacional relevante.

Um agradecimento especial à minha orientadora e amiga, professora Dayse Martins Hora, que com sua capacidade, experiência e seriedade, contribuiu efetivamente para o meu crescimento profissional e para a elaboração, revisão e editoração deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho é tentativa de uma visão acadêmica sobre a crise a educação fundamental, por que passa o sistema educacional brasileiro, enfocando principalmente as necessidades das populações de rua; que em busca de educação são ainda banidas do sistema público de ensino sob as alegações que mascaram os reais motivos.

Inicialmente, estudamos uma prática educativa; até então inédita e audaciosa, mantida entre favelados, situados sob o viaduo do metrô da Praça da Bandeira, às margens da movimentada Avenida Oswaldo Aranha.

De primeiro momento, constatou-se a existência de uma escola informal que surgiu da revolta e da discriminação que uma ex-empregada doméstica, Aparecida, sofreu ao tentar matricular a filha numa escola da rede pública do estado.

Com o sucesso do primeiro projeto e a necessidade das mães em busca de creches gratuitas para deixar os filhos e poder trabalhar, Aparecida pos em prática, em menos de um ano depois de existência da Escola Informal Escrava Anastácia, a Creche Informal Tia Aparecida, que se tornou um projeto novo neste tipo de favelização.

As práticas realizadas sob o viaduto do metrô da Praça

da Bandeira, serviram para mostrar a necessidade e o movimento de resistência de um grupo de favelados, frente a discriminação e ao descaso que vêm sofrendo por parte dos órgãos competentes, vindo a se revelar como uma prática que merece maior reflexão do meio acadêmico.

INDICE

DEDICATORIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	iv
CAPITULO 1 - O PROBLEMA	
1.1. Formulação do Problema	1
1.2. Justificativa	3
1.3. Delimitação de Estudo	5
CAPITULO 2 - METODOLOGIA	
2.1. Tipo de Pesquisa	6
2.2. Objeto da Pesquisa	8
2.3. Instrumentação	8
CAPITULO 3 - FUNDAMENTACAO TEORICA	12
CAPITULO 4 - O HISTORICO DE CONSTRUCAO DA ESCOLA E DA CRECHE	17
CAPITULO 5 - O SIGNIFICADO DA ESCOLA E DA CRECHE PARA OS USUARIOS	29
CAPITULO 6 - A TRANSFERENCIA - PERSPECTIVAS PARA A ESCOLA E A CRECHE	41
CONCLUSAO	47
REFERENCIA BIBLIOGRAFICA	52

CAPITULO 1

1.1 - FORMULACAO DO PROBLEMA:

É visível atualmente a deterioração progressiva da educação fundamental no Brasil, o que caracteriza a crise em que está imersa.

A análise dessa situação não pode ser feita isoladamente, pois a crise na educação fundamental é parte de uma crise geral da sociedade.

Essa crise na atual situação da educação brasileira é fruto de longos períodos de ausência de políticas públicas efetivas no sentido da sua transformação.

Logo, vemos que o Brasil é um país de Terceiro Mundo sob um sistema capitalista que faz uma distribuição desigual da riqueza e da renda.

Fruto de um contexto de crise econômica, as populações de rua, que vivem sob viadutos e pontes vêm aumentando em número significativo nos últimos anos; e por conseguinte apresentando diversas necessidades como: alimentação, saúde, higiene, habitação e educação.

Dentre essas necessidades que a população de rua apresenta, vemos como uma delas a educação, este mesmo setor que

nos dias atuais atravessa uma série de dificuldades por consequência de uma precária política pública voltada para isso.

Por enfrentar tamanha crise, o sistema educacional não se encontra preparado para receber esta demanda de crianças que fazem parte da população de rua, discriminando mais um segmento da sociedade, dentre outros que a escola já rejeita, sob os mais diversos pretextos, que se localizam nas questões sociais, econômicas e culturais.

Nesse sentido, vemos que a educação está longe do seu propósito de se tornar um instrumento de superação da marginalidade, ao contrário, se convertendo num fator de marginalização cultural.

A população localizada sob o viaduto do metrô da Praça da Bandeira, por ser banida da escola pública não vê outras possibilidades para atender a demanda educacional e funda no referido contexto, precariamente, uma escola e posteriormente uma creche. A prática efetuada causa dissidências com os órgãos públicos competentes, porém não muda o fato. A Escola Informal Escrava Anastácia e a Creche Informal Tia Aparecida se estabelecem e se expandem, sendo para nós motivo de estudo e pesquisa, no que se refere ao registro de suas experiências desde sua criação e suas perspectivas de trabalho.

1.2 - JUSTIFICATIVA:

A Escola Informal Escrava Anastacia e a Creche Informal Tia Aparecida, situadas sob o viaduto do Metrô da Praça da Bandeira, zona Norte do Rio, nasceram da revolta de uma cidadã que, como tantas outras, não conseguiu matricular sua filha numa escola da rede pública do Estado.

A existência de uma escola e de uma creche situadas embaixo de um viaduto por motivos de necessidade, revolta e discriminação causou impacto nos diversos meios de comunicação de massa, e se tornou manchete nos principais jornais do estado não só pela peculiaridade do fato, como também pela sua relevância e significado para aquele grupo e por atender a um número considerável de crianças.

Este impacto não aconteceu somente nos meios de comunicação, mas também se transformou em polêmica e problemática para a Secretaria de Educação, que alegava a existência ilegal da escola e da creche inoportuna, por não possuir documentação, ambiente apropriado, saneamento básico, material didático conveniente, enfim, toda uma estrutura física e burocrática que uma instituição precisa apresentar para funcionar.

O funcionamento da escola e da creche se aproximavam ao de uma instituição da rede oficial; contava com a presença de

diversas pessoas que atuavam como voluntários e de profissionais capacitados que atuavam recebendo salário pela função que desempenhavam como foi o caso da professora Maria Luíza.

Os fatos aqui relatados, são suficientes para justificar a relevância do referido estudo e seu significado, no sentido de registrar uma experiência nova, audaciosa e que pode vir a se mostrar como ponto de reflexão do movimento de resistência daquela população.

1.5 - DELIMITAÇÃO DE ESTUDO:

A crise na educação fundamental vem se agravando ao longo dos anos devido as precárias políticas públicas voltadas para esse setor e que repercute no abandono das escolas voltadas para atender a enorme demanda por educação.

A demanda representada pelas populações de rua, significa apenas uma pequena parcela do universo que é banido do sistema, marginalizado e estigmatizado pela escola e pela própria sociedade.

Por causa desses problemas e discriminações, pretendemos descrever a experiência da Escola Informal Escrava Anastácia e da Creche Informal Tia Aparecida, que se originaram da reação de Aparecida que não conseguiu matricular a filha numa instituição escolar da rede pública de ensino do Estado.

Ao descrevermos as experiências aqui referidas, tentaremos abordar principalmente os propósitos que determinaram a construção, a sua trajetória e as barreiras ultrapassadas ou não.

CAPITULO 2

METODOLOGIA

TIPO DE PESQUISA

O tipo de pesquisa que realizamos foi um estudo de caso, de ordem qualitativa sobre uma resposta a uma faceta da crise na educação fundamental através da descrição das experiências da Escola Informal Escrava Anastácia e da Creche Informal Tia Aparecida, situadas sob o viaduto do Metrô da Praça da Bandeira.

Esse tipo de pesquisa se desenvolve em interação dinâmica reparando-se e restaurando-se constantemente, de forma que a coleta de dados num certo momento passa a ser análise de dados, ou seja, um veículo em busca de novas informações.

Dessa forma, as idéias expressadas pelo sujeito entrevistado podem sugerir novos encontros com a mesma pessoa ou outras, a fim de que se possa explorar o mesmo assunto ou outros que sejam relevantes para o estudo em questão.

Sem dúvida, a pesquisa qualitativa leva em conta a participação do sujeito, apoiando-se em técnicas e métodos que evidenciam sua ligação e da pessoa que fornece as informações, exigindo um contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e com a situação que está sendo investigada.

A pesquisa qualitativa permite ao investigador lançar mão de diversos recursos na realização de seu estudo. Essa multiplicidade de recursos, que a pesquisa qualitativa concede ao pesquisador, tem o propósito de abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto em estudo, partindo do princípio de que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social sem suporte teórico.

Segundo Bogdan e Biklen, citados por Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa tem no ambiente natural a sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. De acordo com os autores, a justificativa para que o pesquisador mantenha um contato direto com a situação onde ocorrem a explicitação dos dados, é a de que estes são muito influenciados pelo seu contexto.

O estudo de caso de ordem qualitativa visa a descoberta, sempre enfatizando a interpretação do contexto, buscando retratar a realidade de forma completa e profunda; se utilizando de uma variedade de fontes de informação que revele a experiência vicária e permita generalizações naturalísticas.

O estudo de caso procura representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social e parte do princípio de que o leitor vá usar esse conhecimento para fazer as generalizações e desenvolver novas idéias, novos

significados e novas compreensões. O relato do estudo de caso numa pesquisa qualitativa utiliza uma forma e um vocabulário mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.

OBJETO DA PESQUISA

Nosso objeto é constituído das experiências realizadas pelos indivíduos que viviam sob o viaduto do Metrô da Praça da Bandeira, no que tange aos aspectos educacionais presentes na prática popular da Escola Informal Escrava Anastácia e da Creche Informal Tia Aparecida.

Logo, procuraremos explanar sobre as práticas realizadas pela comunidade em estudo, desde o seu início, bem como suas dificuldades e seus êxitos, alcançados com a escola e a creche ao longo do tempo de existência, pelos seus atores, demonstrando através dessas vitórias e derrotas, um movimento de resistência e união daquela comunidade frente aos órgãos públicos competentes.

INSTRUMENTAÇÃO

No início, os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa seriam: entrevista semi-estruturada, coleta de dados em jornais, arquivos da rede oficial de Ensino do Município do Rio de Janeiro, com o objetivo de correlacionar a visão oficial e a visão dos usuários para obter inferências possíveis que

elucidassem a experiência educacional presente em nosso estudo. Em função da natureza do trabalho e a exiguidade de tempo não foi possível realizar o cruzamento com a visão oficial, detendo-nos exclusivamente ao relato da experiência.

A entrevista semi-estruturada, foi o principal recurso para realizarmos a coleta de dados. Como revela Triviños (1987) esse instrumento valoriza a presença do investigador, proporcionando todas as possibilidades possíveis para que o informante atinja a liberdade e a espontaneidade necessárias para o enriquecimento da pesquisa, uma vez que o informante seguindo a linha de seu pensamento e de suas experiências, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

O início do processo de coleta de dados, foi marcado de visitas constantes à favela em estudo, percebendo se existia a possibilidade de contar com o apoio daqueles indivíduos para dar fundamento a esta atividade.

O pesquisador deve ter em mente os objetivos que pretende alcançar com a entrevista e explicitar ao entrevistado o que se deseja dele e qual a contribuição que pode dar para o esclarecimento da pesquisa.

Com relação ao registro e ao horário da entrevista, estes serão estabelecidos entre informante e investigador de forma conveniente, fixando mais ou menos a duração da entrevista.

Este tipo de entrevista, favorece tanto a descrição dos fenômenos sociais, como também a explicação e a compreensão de sua totalidade dentro de situações específicas como de situações amplas.

Os dados coletados para o estudo serão predominantemente descritivos; pois o material obtido nas entrevistas, será farto em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; incluindo transcrições de entrevistas, depoimentos, fotografias e fragmentos de outros tipos de documentos, como citações para auxiliar uma afirmação ou esclarecer um ponto de vista. Todas as informações da experiência extraídas através da pesquisa serão consideradas de extrema relevância.

O significado que os entrevistados dão aos fatos e à sua vida são centro de atenção especial por parte do pesquisador; devendo o mesmo checar as informações, discutindo-as claramente com os entrevistados, a fim de que possam ser ou não comprovadas.

A seguir estão as questões para a entrevista semi-estruturada.

- 1) Quais os motivos que levaram a construir a Escola Informal Escrava Anastácia e a Creche Informal Tia Aparecida?
- 2) Há quantos anos existe a Escola? E a Creche?
- 3) Onde moram as crianças que são atendidas pela escola

e pela creche?

4) De onde vem o dinheiro que mantêm a escola e a creche?

5) Há professores trabalhando na escola e na creche?

6) Trabalham outras pessoas com você? Quem são?

7) Quantas crianças estão matriculadas na escola e na creche?

8) Quantas crianças a Escola e a Creche atendem até hoje?

CAPITULO 3

FUNDAMENTACAO TEORICA

A crise da educação brasileira, principalmente da escola fundamental, vem de longa data. Ela é produto de uma sociedade capitalista em crise que vem se agravando desde o período do golpe de 64, atingido pelo "terror político". Com a expansão industrial, ocorre um enriquecimento da burguesia e um empobrecimento das camadas populares, permitindo à burguesia usufruir de todos os benefícios e privilégios, enquanto as classes menos favorecidas permanecem excluídas do processo social.

A educação voltada para o povo era a remanescência da ideologia liberal, ou seja, uma política realista que alcançaria níveis de generalidade e de qualidade, que a definiam como eficiente instrumento de promoção sócio-econômica, política e cultural. Logo, um regime democrático impõe que seja adequada a participação qualificada e solidária de pessoas, grupos e instituições no funcionamento articulado da práxis social.

Enquanto em toda parte do mundo ampliam-se os investimentos em educação, no Brasil, a política orçamentária opta por um cerceamento progressivo desse setor, revelando a qualidade da mentalidade das elites dirigentes.

Outro fator que também possui peso sobre a crise na

educação fundamental são as mudanças de direção dos órgãos públicos, provocando uma descontinuidade administrativa, com o abandono de medidas recém iniciadas, ocasionando a superposição de planos e programas governamentais.

Dai, surge a preocupação com a alfabetização, pois a mesma põe em ebulição os níveis populacionais inferiores, ameaçando o rompimento dos colégios eleitorais da classe dominante uma vez que a alfabetização é conscientização, é consciência crítica, e é participação levando o povo a questionar a estratificação social, pois quando descobrem que pouco sabem de si e de seu valor na sociedade, se inquietam por querer saber mais, se indagam, respondem e suas respostas os levam a novas perguntas numa constante busca do saber.

E quando compreendem a sua realidade, levantam hipóteses sobre o desafio dessa realidade a procura de soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias.

Com a descoberta de que são seres oprimido, começam cedo ou tarde a lutar contra quem os fez menos e a tentar recuperar sua humanidade.

A luta pela humanização, por livrar-se da contradição opressão-oprimido, é para ter a liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se. Tal liberdade, requer que o indiví-

duo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem alimentada da máquina. Não basta que os homens não sejam escravos, se as condições sociais fomentam a existência de autômatos.

O desenvolvimento de uma consciência crítica permite ao homem transformar a realidade cada vez mais urgente. E na medida em que estes, dentro de sua sociedade vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora. " Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que queremos".(Paulo Freire, 1979).

Logo, numa sociedade de classes toda educação é classista. E, na ordem classista, educar , no único sentido aceitável, do ponto de vista das classes oprimidas, significa conscientizar e lutar contra esta ordem, ou seja, subvertê-la.

A dicotomia na educação brasileira, é condição mesma da existência da escola na sociedade brasileira - dividida em classes -enquanto formação social dominada pelo modo de produção capitalista para reproduzir as relações de exploração e dominação.

O fato de que a escola se encontra sempre priorizando a teoria separada da prática, desvincilhada de significado social e cultural é consequência da separação existente nas sociedades

capitalistas entre o trabalhador e os meios de produção. A escola reproduz aquela separação ao mesmo tempo que é seu efeito, reproduzindo a divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual.

É o que Baudelot e Establet chamam de teoria da escola dualista que apesar de ser unitária e unificadora, é uma escola dividida em duas grandes redes, a primário-profissionalizante, voltada para a classe dominada e o secundário-superior, voltada para a classe dominante.

O sucesso dessa luta só se concretizará quando os opressores (burguesia) proporcionarem aos oprimidos (proletariado) uma educação de base digna, para que os oprimidos possam participar e usufruir dos benefícios e privilégios do progresso social, assim como das decisões de fatos importantes na sociedade e percebendo o seu valor nesta.

Somente com o processo de transformação social, garantido por novos projetos políticos que contemplem maiores formas de participação, é que a educação passará a ser valorizada como elemento significativo para a geração de mudanças.

É a partir de uma valorização, onde a consciência popular determinada pela ideologia liberal da ascensão social pela educação, que a idealizadora da Escola Informal Escrava Anastácia e da Creche Informal Tia Aparecida, pensa no objetivo

de sua construção e funcionamento. Objetivo este, de equalizar a marginalização daquelas crianças e de atender a demanda por educação daquela comunidade, já que seus próprios filhos foram estigmatizados e discriminados por uma instituição escolar da rede pública do estado.

A Escola Informal Escrava Anastácia e a Creche Informal Tia Aparecida funcionavam precariamente no referido contexto com o propósito de atender a demanda educacional daquela população favelada, banida da escola pública, que não se encontra preparada para atender essa demanda, por atravessar dificuldades em consequência de políticas públicas precárias.

O presente estudo, a partir da moldura teórica aqui construída tentará explicitar a relevância e o significado da escola e da creche para aquela população.

CAPITULO 4

O HISTORICO DE CONSTRUCAO DA ESCOLA E DA CRECHE

Diariamente milhares passavam pela Avenida Oswaldo Aranha, na Praca da Bandeira, onde existia um grupo de favelados, conhecidos sob a denominação de "Vila Anastácia". A existência de projetos populares de escolas em favelas já é bastante divulgada, e alguns mais expressivos até mesmo objeto de estudo. No entanto uma experiência dessa ordem num processo de favelização deste tipo (sob pontes, viadutos, margens de estradas, de rios), se revelou uma novidade.

A idéia de construir uma escola era um sonho antigo de Aparecida, de 34 anos, analfabeta, nascida no morro do Cruzeiro, na Penha, filha de pai caminhoneiro e mãe lavadeira, que aos 7 anos foi trabalhar como empregada doméstic; aos 13 casou-se; aos 21 teve uma filha (Miriam), e aos 22 teve um filho (Paulo Henrique); aos 23 enviuvou, e ficou trabalhando em casa de família. Anos depois abriu uma barraca de bebidas em Caxias, na favela do Dique, onde conseguiu construir uma casa. Com a enchente de fevereiro de 1988, perdeu todos os seus pertences, ficando apenas com a roupa do corpo.

Foi trabalhar de novo em casa de família, onde conseguiu

juntar dinheiro e comprar um barraco por Cz\$ 3.000,00 (três mil cruzados), em abril de 1989, embaixo do viaduto do metrô da Praça da Bandeira, zona norte do Rio, na "Vila Anastácia", de cerca de 60 barracos, onde com o passar dos anos se tornou a líder comunitária.

A idéia da escola surgiu quando Aparecida, uma das muitas mulheres e mães que moravam sob o viaduto, resolveu matricular sua filha, Míriam, no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, que mantém uma escola de 1o grau.

De acordo com a entrevista dada ao jornal "Notícia" de 28 de agosto de 1991, Aparecida revela que quando chegou a sua vez de efetuar a matrícula, perguntaram o seu endereço. Ao responder que era embaixo do viaduto do metrô da Praça da Bandeira, recebeu a informação de que não havia mais vagas; percebendo mais adiante que as mães que estavam na fila depois dela, conseguiram matricular seus filhos normalmente. "Quando eu disse que morava debaixo do viaduto do metrô, a moça disse que não havia mais vagas. Mas era mentira, porque tinha uma fila de madames matriculando suas filhas." (Jornal do Brasil, 5/09/91).

Humilhada e discriminada, Aparecida voltou para casa chorando e com raiva, pensando na situação. Resolveu conversar sobre o assunto com César, de 20 anos, um guardador de automóveis noturno em Copacabana, morador no viaduto e que possuía o 1o grau

incompleto, pois havia abandonado a escola ao chegar à 6a série.

O fato se tornou manchete em vários veículos de comunicação do estado, devido a tamanha discriminação sofrida por Aparecida e sua filha. Aparecida foi procurada por diversos jornais afim de explicar melhor o fato que se tornou um escândalo dentro do sistema educacional do estado; por se tratar de uma instituição pública e gratuita.

Após as entrevistas, Aparecida foi chamada através do rádio e da televisão pela diretora da instituição de ensino que lhe discriminou para matricular desta vez não só a sua filha, como também o seu filho e as outras crianças que moravam na "Vila Anastácia". Matriculadas, as crianças não permaneceram mais do que 5 meses, pois passaram a ser perseguidos e discriminados pelos professores e pelos próprios alunos. É interessante observar que o Instituto de Educação na Praça da Bandeira, apesar de ter sido outrora, local que recebeu filhos de extratos favorecidos da sociedade, hoje tem por alunos, crianças de classe média baixa, crianças pobres e muitos favelados também, sem que, no entanto, isso tenha impedido a discriminação. As crianças da "Vila Anastácia" foram alvo de chacotas por parte das outras crianças porque mesmo entre os favelados se constrói uma diferença entre "ter casa" ou "ter um barraco" e morar "embaixo do viaduto". Mesmo dentro das favelas convencionais se estabelece a diferença entre ter casa de alvenaria, ter barraco de madeira,

ter barraco de alvenaria, ter barraco de caixote; o mesmo se repete quanto a localização da sua habitação, ou seja estar no início do morro, no meio, no topo, etc.

Percebendo a insatisfação de seus filhos de estudarem numa instituição onde eram discriminados e marginalizados, Aparecida juntou um sonho antigo ao fato, e em 30 de novembro de 1990 deu origem a Escola Informal Escrava Anastácia, nome inspirado, na Escrava Anastácia, protetora dos negros.

Dados precisos sobre a vida de Anastácia são difíceis, pois a versão admitida como provável é fruto provindo de estudos respaldados, em muitos casos, nas observações quanto a tradição oral, condizente principalmente com a Cultura Negra transformada, por motivos que não cabem para o momento, numa imensa lacuna na História do Brasil. Anastácia nasceu mais ou menos no período que vai do ano de 1770 até 1813, no Estado da Bahia; bela moça negra de olhos azuis, filha de um fazendeiro e uma escrava. Na adolescência, por haver resistido aos desejos sexuais de seu senhor, foi martirizada cruelmente. Em represália odiosa o senhor da serva mandou encravar-lhe no pescoco uma gargalheira e na boca uma mordaca de couro. Por conseguinte, fora posta no abandono, numa cela. Tempos após, já na morbidez, encontraram-na, ainda aparentando ser possível a sua recuperação, se lhe fosse aplicado um tratamento médico adequado. Logo, transportaram-na para à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, onde se

intentaria curá-la e/ou registrá-la como Irmã na Igreja dos Negros Fôrros, atual Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, almejando aí sepultá-la depois de falecida. Pois, até por volta de ano de 1850, se sepultava nessa Igreja, além dos negros libertos, os cléricos e os nobres. Da Escrava Anastácia, felizmente, como prova apareceu um retrato com a inscrição em francês: "CHATIMENTE DES ESCLAVE - BRÉSIL". Esta versão se destaca como provável, pois todos os relatórios e livros de óbitos, foram consumidos pelas chamas de um incêndio que no ano de 1967 destruiu essa Histórica Igreja Nossa Senhora do Rosário.

A cultura popular tem presente a crença em Anastácia, como símbolo do enfrentamento às diversidades, sendo importante destacar a sua representação e o emprego do seu nome para denominar a escola.

Com muita determinação para o trabalho, sem material, com apenas um quadro negro preso na pilastra do vão do viaduto e muita vontade de aprender, cerca de 30 a 35 crianças, entre elas os filhos de Aparecida, começaram a tomar suas lições de vida e de coragem com o tio César, o guardador de automóveis.

Sem porta e sem trinco, a escola com três paredes, ficava de frente para o intenso trânsito da Avenida Oswaldo Aranha. Nos fundos, passavam os trens da Central do Brasil e, em cima, os do metrô

A escola funcionava meio período e atendia as crianças que moravam sob o viaduto e até mesmo crianças de outras favelas próximas, como também meninos e meninas de rua. No outro período do dia, eles ajudavam os pais a aumentar a renda familiar vendendo doces ou pedindo dinheiro no sinal.

O primeiro propósito de Aparecida com a escola, era não deixar que as crianças ficassem perambulando pela rua, aprendendo "o que não deviam fazer", pois ela acreditava que se não estivessem estudando, poderiam estar com uma faca ou revólver num sinal de trânsito.

Com o tempo, a escola que funcionava precariamente, começava a necessitar de alimentos para a merenda dos alunos e de material didático básico para continuar funcionando.

Foi quando Aparecida teve a idéia de colocar cartazes pedindo cadernos, lápis, borracha, caneta, papel, enfim, tudo o que era preciso para a escola funcionar, além da alimentação que era um grande estímulo à frequência das crianças às aulas.

Na porta da escolinha havia um aviso permanente para os transeuntes da Avenida Oswaldo Aranha que dizia: "Não deixe a escola acabar. Ajude-nos com alimentos ou como puder". (Jornal do Brasil, 28/02/93).

As atividades transcorriam do modo que era possível e as

dificuldades se acumulavam, agravando-se com o fato do tio, César ser recrutado para servir na polícia do exército. Estando sozinha, diante de um trabalho que não podia realizar, Aparecida, aproveitando a presença de uma jornalista que fora visitar e registrar sobre as instalações da escola e seu funcionamento, colocou um anúncio no jornal recrutando "um professor que saiba ler, escrever e fazer contas. Ele também precisa estar disposto a dar aulas de graça, para crianças faveladas e meninos de rua, numa escolinha ao ar livre, improvisada sob o viaduto do metrô da Praça da Bandeira, entre galinhas, cachorros e porcos". (Jornal do Brasil, 5/09/91).

"O que vai ser dessas crianças? Se elas não tiverem um estudo, vão ficar que nem os pais delas, que nem eu, tendo que morar debaixo de viaduto, porque não terão profissão que pague direito". (Jornal do Brasil, 5/09/91).

Na verdade, Aparecida não estava recrutando um profissional da educação, e sim, uma pessoa comum que cumprisse os pré-requisitos mais importantes exigidos por ela, que era saber ler, escrever e contar. Ela não possuía qualquer esclarecimento para vislumbrar a necessidade de um profissional que desse conta da tarefa que era seu anseio - educar as crianças. Por outro lado pensava não fazer exigências, já que pretendia um serviço voluntário.

A resposta veio quase que de imediato. Kátia, 41 anos,

uma advogada, leu a matéria no jornal que relatava as necessidades daquela população e logo foi à escola se apresentar como voluntária. "Se eu tenho minhas tardes livres, por que não ajudar?" (Jornal do Brasil, 22/12/91).

Na semana seguinte já estava trabalhando e enfrentando junto com Aparecia as dificuldades que surgiam. Meso não possuindo habilitação adequada, desempenhou o compromisso que assumiu com Aparecida e as crianças.

Kátia conta em entrevista, que no início teve inúmeras dificuldades, mas que aos poucos foram sendo ultrapassadas normalmente, graças a ajuda das pessoas voluntárias, de doações de pessoas isoladas, do Comitê da Cidadania do Banco do Brasil e de empresas como a Petrobrás que doou livros, cadernos e lápis, além de outros materiais escolares que abasteceram a escola até os seus últimos dias de existência; não só de material didático, como também de alimentos que serviam de merenda para as crianças. "O interesse da imprensa pela escolinha fez com que algumas empresas passassem a doar material para a sua manutenção, entre elas, a Petrobrás e também pessoas físicas, que também têm colaborado ajudando na merenda, que afinal de contas é o grande atrativo." (Jornal O Povo, 6/12/91).

O pleno funcionamento da escola e a necessidade de algumas mães que não têm com quem deixar os filhos, fizeram com

que Aparecida, uma espécie de diretora, refletisse sobre a abertura de uma creche para acolher as crianças menores. Aliado a isto, um fato que quase se tornou tragédia na favela, deu impulso para a construção da creche. Depois de mexer num fogareiro, uma criança de 3 anos provocou um incêndio no barraco em que morava, sob o viaduto, porque seus pais a deixaram em casa sem um adulto para tomar conta dela e das irmãs de 2 e 10 anos, enquanto estavam no trabalho. Esses moivos levaram a ex-empregada doméstica a se lançar no projeto.

"Fiquei pensando que a escola não era o único meio de ajudar aquelas crianças e suas famílias, pois, praticamente todas as famílias daquela comunidade passaram por este problema." (O Globo, 14/01/92).

Bastou um pequeno barraco, duas camas, poucos brinquedos e alguns quilos de alimentos. Foi o suficiente para que a ex-empregada doméstica colocasse em prática em dezembro de 1991, a Creche Informal Tia Aparecida, ou mais conhecida como a Creche da Tia Cida, que era anunciada por uma placa branca e azul, fixada entre o trânsito da Avenida Maracanã e a linha dos trens da Central que passavam ao fundo.

Logo nos primeiros dias de funcionamento, já havia alunos na lista de espera por uma vaga. Aparecida vetou o ingresso de novos alunos por uma vaga por não ter condições de

cuidar de todos sozinha. Dos pais, Aparecida cobrava uma taxa de matrícula no valor de Cr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros/dezembro de 1991), para ajudar na alimentação das crianças. "Não podemos pedir que eles nos deem mais nada pelo simples fato de não terem. Estamos vivendo de doações como sempre." Explica Aparecida. (O Globo, 14/01/92).

Na necessidade de material para manutenção do trabalho, Aparecida colocava um cartaz na mureta do viaduto com o pedido, e logo aparecia alguém para ajudar.

A creche funcionava em horário integral, de 7 horas até às 18 horas. Observa-se que além das crianças moradoras do local, havia outras de favelas próximas cujas circunstâncias eram muito semelhantes àquelas em que viviam os indivíduos do viaduto Oswaldo Aranha. As crianças recebiam café da manhã, almoço e dois lanches, além de tomarem banho no local.

A sede da creche ficava num barraco de cerca de 20 metros quadrados, comprado por Aparecida e Kátia em dezembro de 1991, por Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) de uma família que se mudou para o nordeste. No local cabiam duas camas de casal onde as crianças descansavam o almoço, um armário, onde ficavam guardados os mantimentos e o banheiro que atendia as crianças.

Conforme a entrevista dada ao jornal O Globo de 3 de janeiro de 1992, Aparecida menciona que as refeições eram pre-

paradas em seu barraco, mas quando acabava o gás, ela era obrigada a cozinhar num fogão à lenha. E a água? A escola e a creche não tinham água, como toda a favela, mas isso não era problema, pois diariamente, Aparecida carregava baldes e baldes de água trazidos da sede da Defesa Civil ou da Cedae da Leopoldina, para dar banho nas crianças da creche e cozinhar. E a luz? A luz era proveniente de uma instalação clandestina, conhecida pela população como "gato", dos postes de iluminação pública da Avenida Oswaldo Aranha.

As crianças matriculadas na creche passavam o dia brincando, ouvindo as histórias contadas por "tia Cida" ou correndo atrás das galinhas e cachorros que viviam no local. Quando a escola fechava às 18 horas, havia muitas crianças que dormiam na casa de Aparecida, porque os pais precisavam trabalhar à noite, ou porque foram abandonadas; como é o caso do Júnior de 6 anos, da Flávia de 5 e do Duda de apenas 1 ano, que foram abandonados pelas mães que eram prostitutas, e como não podiam abandonar as atividades, entregaram à Aparecida os filhos para criar. O Júnior e a Flávia são irmãos, e foram abandonados com 3 e 2 anos respectivamente. Além das mães os abandonarem, levaram consigo todos os seus documentos, deixando para Aparecida, uma tarefa árdua pela frente; que era criar duas crianças que não tinham sequer a certidão de nascimento.

O caso de Eduardo, Duda como é mais conhecido pelas

crianças e pelos voluntários da creche é mais triste, este fora abandonado com apenas 4 meses de vida. A mãe era prostituta e traficante, e fora expulsa da favela por Aparecida pelo fato de estar comercializando tóxico no local, fato este que Aparecida não admitia, pois naquela favela havia uma escola e uma creche. A mãe de Duda alguns meses após o abandono, retornou a creche em busca de reaver o filho, mas Aparecida impediu que ela levasse a criança, porque temia que o menino fosse abandonado mais tarde, já que apesar dele estar morando na rua (favela), ele estava sendo bem cuidado, alimentado e mal ou bem, recebendo educação, carinho e amor, que são indispensáveis para o crescimento de uma criança.

CAPITULO 5

O SIGNIFICADO DA ESCOLA E DA CRECHE PARA OS USUARIOS

A discriminação sofrida por várias razões de ordem econômica e social e que se apresentam no discurso sob a alegação de falta de endereço e as carências dos vizinhos que não tinham com quem deixar os filhos foram os principais motivos que levaram Aparecida a construir a escola e a creche, que se tornaram uma alternativa de relevada significância para aquela população de rua, que tiveram seus filhos banidos do sistema público de ensino.

Para Aparecida, a construção da escola e da creche são seus maiores orgulhos; ela tem certeza de que desempenha um trabalho muito importante e tem clareza de que tudo que, já foi posto em prática a alguns anos, não conta com a ajuda da rede oficial e até mesmo é por eles visto com menor significância. "Acho um trabalho muito bacana, sabia? Porque pelo menos ocupa o tempo delas e evita muito a criminalidade". (Jornal Roda Viva).

A rotina da escola e da creche, se aproximavam a de uma instituição pública e/ou privada.

O horário de aula era das 7 horas até às 11 horas, isso para os alunos que frequentavam somente a escola. Ao término das

aulas, as crianças que não eram da creche, iam para casa; as outras almoçavam, meio dia, e depois descansavam, para mais tarde fazerem o trabalho de casa. Quando dava 17 horas, as voluntárias chamavam criança por criança, a começar pelos menores, para iniciar o banho, em seguida, as crianças que eram do integral iam para casa. As crianças que eram internas começavam a se prepara para o jantar.

Essa era a rotina de quase todos os dias da escola, mas quando começava a chegar o final do mês, nem todas as crianças almoçavam e jantavam. Somente as crianças internas faziam as refeições, ou só uma refeição.

O dia-a-dia do trabalho das voluntárias era árduo, cada uma possuía uma função, uma lavava as roupas das crianças e de Aparecida, a outra cozinhava para as crianças da creche, para o pessoal voluntário e para a família de Aparecida, a outra passava as roupas das crianças e da família de Aparecida e a outra tomava cota das crianças e dava o banho.

No início do mês, quando havia comida suficiente , todas essas pessoas (crianças, voluntários e a família de Aparecida) almoçavam na creche, mas quando se aproximava ao final do mês, nem todos almoçavam, a prioridade era para as crianças.

Para preparar o almoco, lavar as roupas e dar o banho nas crianças da creche e nas internas, Aparecida todas as tardes

botava três latões num carrinho de madeira e ia com um voluntário pegar água na Defesa Civil, que ficava próximo. Quando não havia a possibilidade de se apanhar água na Defesa Civil, Aparecida ia na Cedae da Leopoldina.

A comida era preparada numa cozinha improvisada de mais ou menos quatro metros quadrados, onde cabiam o fogão industrial e o botijão de gás doados pelo Comitê da Cidadania e a geladeira. O tanque era um latão de água com uma bacia, e apesar de tais condições as fraldas e as roupas eram muito bem limpas. As roupas ficavam estendidas no "quintal", que dava de frente para a Avenida Oswaldo Aranha. A tábua de passar roupa era a mesa onde as crianças faziam as refeições - café da manhã, almoço e janta. A roupa era muito bem passada e engomada, principalmente as fraldas.

A rotina das crianças da creche (internas) era muito interessante, apesar de ser uma instituição informal, situada sob um viaduto. Quando acordavam, tomavam banho e café. As que estudavam iam para a escola informal, as que não tinham ainda idade para estudar, ficavam brincando num espaço cheio de brinquedos (doados por particulares), mas sendo observados por uma voluntária para não fugirem para a "rua" (local aberto fora das dimensões marcadas pelas madeiras da creche). Quando era a hora do almoço todas as crianças sentavam numa grande mesa situada em uma área grande tipo um refeitório, que ficava de

frente para a cozinha e para a "casa" de Aparecida. Após o almoço, as crianças menores dormiam no "quarto" de Aparecida, e quando acordavam ficavam brincando para mais tarde tomarem o banho e jantarem.

A seu ver, a escola ocupa o tempo das crianças, evitando que elas fiquem ociosas, sendo alvo de adultos que possam fazer uso da sua situação de abandono chegando até mesmo à criminalidade. "... porque aí tem muito garotinho de 12, 13 anos morrendo por que não tem apoio de ninguém. Eu acho que se todo mundo se juntasse e fizesse o mesmo que eu estou fazendo, acho que não existiria tanta criminalidade no meio da rua com esses menores que tem por aí". (Jornal Roda Viva).

Além disso, alguns alunos aprendem na Escola Informal Escrava Anastácia a ler e escrever, indo mais tarde para a rede oficial de ensino.

E conforme revela Aparecida, cheia de orgulho, "depois da creche elas passam direto para a escola informal" (22/12/91), certa de que a sua criação se tornou uma alternativa para aquela clientela que é banida e marginalizada do sistema público de ensino.

Para as crianças, a escola é um ambiente muito agradável e prazeroso; todas parecem gostar muito do que experimentam naquele convívio, porque sentem que estão aprendendo a ler,

escrever e contar e por acharem que apesar de ser uma escola informal, não se difere em nada de uma escola da rede oficial, como o Brizolão, que é citado por uma criança em entrevista ao jornal Roda Viva. "Aqui é igual a gente estar nesses colégios, assim, do Estado. É quase igual. A gente aprende a fazer as letras, a fazer conta, e a tia é muito boa, dá desenho pra gente.

Entre elas, há concepções diferenciadas sobre a importância da escola. "Eu quero ser alguém na vida quando crescer. Aí, tô me esforçando para aprender a ler. Algumas coisas eu sei, mas não sei muito, muito, muito. Muitas coisas que a professora passa no quadro eu só sei escrever, mas eu não sei ler muito".

"Quando eu crescer, quero ser advogado porque defende as pessoas e ajuda as que não têm condições de pagar", é o que diz Carmen. Já para Maurício, de 6 anos, o importante é escrever, fazer letras, aprender a fazer casa, fazer árvores, fazer flor e fazer barco e sol". (Jornal Roda Viva).

Nesses relatos das crianças, pode-se perceber o que Kátia menciona em sua entrevista, que era impossível se seguir um método de ensino e que o método que o tio César usava era o mecânico, onde enfatizava a repetição. "Ele batia, batia, batia a mesma coisa, mil vezes até elas conseguirem aprender. E então, ele escrevia e elas copiavam, mas elas não tinham a menor noção do que estavam escrevendo".

Pode-se observar que as crianças adoravam a escola, embora ali recebessem precariamente os conteúdos da leitura, escrita e cálculo, por outro lado expressavam-se livremente sobre a realidade que os cercavam, partindo sempre da sua realidade de vida. "Tinha-se que dar as aulas, conforme as coisas iam surgindo." (Relata Kátia na entrevista)

A finalidade do trabalho desenvolvido por Kátia era tentar transmitir para as crianças o máximo de conhecimentos e informações possíveis; porque nunca se podia prever se elas iam voltar no dia seguinte para as aulas. "Aqueles que não conseguiram assimilar algum conteúdo de ensino, de cultura, vão aprender alguma coisa como, modo de se comportar, modo de viver melhor, de saber dividir, de saber que não se deve tomar as coisas dos outros, que não se apanha nada que não é seu. A escola tem esse lado importante porque deu a eles condições de começar a aprender alguma coisa e de despertar no pai e na mãe o interesse de procurar uma escola para eles depois".

A rotatividade da população moradora da Vila Anastácia era muito grande, como fica revelado nas entrevistas e observações que foram realizadas. As mães, algumas prostitutas no Centro da Cidade levam seus filhos quando resolvem mudar seu lugar de trabalho, ou quando surge uma oportunidade de estabelecer um relacionamento afetivo estável ou ainda decidem voltar para sua cidade em busca de apoio familiar. Em outras situações,

essas mulheres abandonam seus filhos como já foi relatado anteriormente.

O sonho daquelas crianças era ter uma casa bem bonita, ter fogão, ter cama" (Paloma); "é ter uma casa pra minha mãe, meus parentes, ter tudo direitinho" (Carmem); "sair daqui pra um lugar melhor" (Ana Paula). Jornal Roda Viva.

Já para Kátia, a professora voluntária que trabalhou 2 anos com as crianças, a creche era mais valiosa para as mães, porque elas precisam trabalhar e precisavam deixar os filhos em algum lugar, porque o governo não tem uma quantidade suficiente de creches comunitárias gratuitas; então, para a mãe, a creche era uma coisa muito importante, onde ela vai deixar a criança para trabalhar.

A escola tem a sua importância porque muitos conseguiram aprender a ler, e se tornou uma opção. As crianças iam quando havia merenda, este fato era o maior atrativo para as crianças. Quando não tinha merenda, o índice de faltas era grande.

A iniciativa de trazer biscoitos e leite para um pequeno lanche foi de Kátia, que viu o quanto isso era grande motivação para as crianças excessivamente miserabilizadas. Com a criação da Creche, a merenda se modifica para almoço, o que tem uma diferença significativa.

A merenda que se tornou um almoço era um atrativo e um grande problema, pois era proveniente de doações de pessoas que passavam de carro pelo local e de empresas (O Povo, 06/02/91), pelo Comitê da Cidadania dos funcionários da Agência Bandeira do Banco do Brasil, que mensalmente enviava para a creche uma quantidade significativa de alimentos, que ajudava na alimentação, além de terem montado uma cozinha industrial para o seu preparo. O Comitê contribuiu também com mesas, cadeiras, armários, arquivos e principalmente a professora Maria Luíza, que tinha o seu salário pago pelo Comitê, graças a ajuda dos funcionários do Banco do Brasil, que ao receberem o seu salário a cada mês, doam para o Comitê um vale ticket refeição, além de alguns depositarem na conta corrente do Comitê a diferença do caixa que não precisa ser contabilizada pelo banco, ou seja, quando a diferença for até R\$ 5,00 (cinco reais), ela não precisa ser depositada na conta do banco.

A situação agora era diferente do período de Kátia, que era uma professora voluntária, não recebia salário e que no início do trabalho comprava com seu próprio dinheiro, biscoito para as crianças lancharem, pois a merenda era o maior estímulo das aulas, e naquele tempo, ainda não se obtinha a grande ajuda do Comitê da Cidadania do Banco do Brasil.

Já com as crianças maiores, as mães não obrigavam a frequentarem as aulas, mas tinha sempre aqueles que gostavam, que

queriam e estavam lá presentes, tanto assim que hoje alguns estão estudando, matriculados em escolas da rede oficial.

Para as mães, a creche e a escola possuíam uma relevância significativa, já que eles não conseguiam vaga numa instituição pública e quando conseguiam eram discriminados e estigmatizados pelos professores, alunos e funcionários das instituições de ensino. Além disso, a creche e a escola, seria o lugar onde as crianças aprenderiam os conteúdos de ensino como também hábitos e costumes, além de ficarem despreocupadas. É como diz Elizabeth (irmã de Aparecida e mãe de 4 crianças matriculadas na escola e na creche), na entrevista: "Aqui eu tenho certeza de que os meus filhos estão felizes, aprendendo a ler, escrever e contar. É melhor eles estarem aqui do que na rua ou no Instituto de Educação, sendo discriminados e pisados por aquelas madames e suas filhinas. Eu tenho certeza que aqui eles aprendem igual a lá (IERJ). E aqui, ao mesmo tempo que eles estão estudando, eu tomo conta deles".

Aparecida acredita que existem alguns que vão conseguir "pelo menos não ser catador de lixo no meio da rua como o pai e a mãe são", graças a existência da Escola Informal Escrava Anastácia, que se tornou uma experiência alternativa para aquela população de rua. "Encontrei o que gosto de fazer. As pessoas têm que trabalhar com honestidade em tudo. Estou achando maravilhoso poder melhorar o presente e o futuro dessas

crianças", diz Aparecida. (Beijo da Rua, 1993).

Com a experiência da Creche e da Escola, Aparecida conviveu com o problema real de que elas são informal, marginalizadas, que não têm formas de se oficializar o aprendizado ali realizado. Ela espera que as experiências vividas possam dar melhores condições as crianças de procurar uma escola da rede oficial, onde elas vão adquirir um diploma, um documento que comprove a sua frequência e aprendizagem dos conteúdos ministrados numa instituição escolar. É como disse Kátia na entrevista: "depois de um certo tempo, as crianças vão ficar perdidas, pois aprendeu a ler, a escrever e acabou. Não tem mais futuro ali depois que elas aprendem esses conteúdos, porque a Escola Informal Escrava Anastácia não diploma ninguém".

Já para Corina, membro do Comitê da Cidadania dos funcionários da Agência Bandeira do Banco do Brasil, a escola e a creche são um meio alternativo para aquela população que se beneficia dela, principalmente pela falta de documentação e de domicílio. Porque há crianças que quando os pais a abandonaram, levaram consigo todos os seus documentos, é o caso do Júnior e da Flávia, deixando para a Aparecida a responsabilidade de criar.

Outro problema com relação a falta de documentação, é o caso de algumas mães serem menores, ou delas mesmas não possuírem documentos na época do parto.

Além disso, tem o problema deles viverem sob um viaduto, onde o trem e o metrô circulava até tarde da noite, sem contar com o calor que fazia, levando-as a ficarem na rua até tarde porque não conseguiam dormir. Com isso, as mães usavam as crianças para trabalhar nesse horário, pedindo esmolas no sinal. Consequentemente, as crianças iam dormir tarde, não tendo condições físicas de ir para a escola formal onde existe o rigor do horário. Infelizmente elas acreditavam que as crianças eram uma mão de obra, que elas arrumaram. Enfim, restava para aquelas crianças estudarem na escola informal, porque devido as condições em que viviam, a alternativa criada por Aparecida, era a melhor opção para suprir a demanda por educação.

Para Maria Luiza, a professora com registro que trabalhou na escola desde o início de abril de 1994, indicada pelo Tio Gélson (compositor da Escola de Samba Estácio de Sá), e que teve o seu salário pago mensalmente pelo Comitê da Cidadania do Banco do Brasil, a escola se tornou um trabalho gratificante, apesar de muitas dificuldades de aprendizagem das crianças, que necessitavam receber atendimento individual. O tio Gélson realizava atividades recreativas e culturais com as crianças, além de ter sido uma pessoa de extrema importância na época de construção da escola e de com o passar dos anos ter se tornado um amigo e conselheiro para Aparecida e para os favelados.

Maria Luiza revela na entrevista que eles não sabiam

quase nada e quando se explicava alguma coisa, era muito difícil eles entenderem a lição, devido a tamanha dificuldade de aprendizagem que eles apresentavam, por causa das circunstâncias em que viviam, e tinham dificuldade de convívio. Apesar desses três fatores que influenciavam diretamente sobre a aprendizagem da crianças, Maria Luíza, obteve êxitos com algumas crianças que ao final do seu trabalho com a escola naquele local (sob o viaduto do metrô da Praça da Bandeira), conseguiram aprender "as letras" e outros com muito sacrifício foram alfabetizados.

Maria Luíza acredita que a escola teve tamanha importância não só para ela em termos de experiência, como também para a comunidade que durante alguns anos usufruiu de suas dependências. Em termos de experiência, Maria Luíza menciona que foi muito gratificante e que nunca tinha tomado conhecimento de uma favela sob um viaduto que possuísse uma escola e uma creche. Maria Luíza menciona que o trabalho na escola foi valioso, porque deu a ela a oportunidade de ministrar aulas numa escola informal, posta à margem pelos órgãos oficiais de educação e também de fazer cursos de reciclagem e especialização, sobre educação, dentro do Centro Cultural Banco do Brasil; pelo projeto BB educar; organizado e mantido pelo Banco do Brasil e pelos Comitês das agências, que indicam as pessoas que trabalham em projetos de alfabetização, principalmente aqueles de iniciativa popular e alternativos.

CAPITULO 6

A TRANSFERENCIA - PERSPECTIVAS PARA A ESCOLA E A CRECHE

Até o dia 3 de março de 1995, Milhares de pessoas passavam pela Avenida Oswaldo Aranha, na Praça da Bandeira, e observavam uma favela de cerca de 60 famílias, onde podia-se reparar um fato que era até então inédito em favelas que ocupam espaços urbano convencionalmente não habitados: A existência de uma escola e uma creche situadas debaixo de um viaduto do metrô.

Desde julho de 1994, quando pegou fogo na favela Barão de Mauá que se situava sob o viaduto da Leopoldina, a favela de Vila Anastácia, ficou sendo o próximo objetivo de transferência da Secretaria Municipal de Habitação, que estava executando o projeto "Morar sem risco", um programa de remoção das famílias instaladas sob viadutos, encostas ou às margens de rios.

Há cerca de um ano, a Secretaria de Habitação vinha negociando com Aparecida, a líder comunitária, a remoção dos moradores. Anteriormente, várias investidas foram tentadas por órgãos governamentais para a retirada da Vila Anastácia, principalmente para a Fundação Leão XIII. Essa negociação acontecia através de reuniões na Secretaria de Habitação e na favela de Vila Anastácia, sem qualquer tipo de registro e contava com a

participação de alguns moradores e de integrantes de dois Comitês da Cidadania, (BB/Bandeira e CEG), que ajudavam as Comunidades da Praça da Bandeira e do Viaduto da Leopoldina.

As negociações transcorreram por um longo período, pois Aparecida estava receosa de se mudar para a Comunidade do Parque da Conquista, onde já residiam cerca de 250 famílias (alguns em casas de alvenaria e outros em casas de madeira), porque temia sofrer represálias dos moradores mais antigos, pelo fato de receber do governo a nova moradia, fato este que a favela do Parque da Conquista vem requisitando a algum tempo e até então não tinha obtido êxito.

Outro receio de Aparecida era que o Parque da Conquista era grande e já apresentava problemas característicos, como tráfico, roubos, conflitos de grupos marginais etc., o que na Comunidade de Vila Anastácia não se observava.

Em marco de 1995, uma parte da comunidade, cerca de 36 famílias foram transferidas para casas populares de cerca de 15 metros quadrados, que o governo construiu para abrigar esta população, que ele afirmava morar com risco, para as casas populares situadas na Comunidade do Parque da Conquista de cerca de mais de 250 famílias, situada próxima a Usina de Reciclagem de Lixo da Comlurb, no Caju.

Das 36 famílias removidas para o Parque da Conquista, 18

eram da Praça da Bandeira e 18 do Conjunto Margaca, em Campo Grande. Os moradores do Margaca foram para aí removidos após o incêndio que destruiu a favela do viaduto da Leopoldina em setembro de 1994.

Essas 18 famílias da Vila Anastácia deslocadas para o Parque da Conquista, foram selecionadas por Aparecida, obedecendo os seguintes critérios: famílias completas, com pai, mãe e filhos e famílias que tinham os filhos matriculados na escola e na creche.

O vínculo com a escola e a creche parece ter sido determinante. São as famílias que com ela estabeleciam relações que são transferidas para as casas. Na transferência tiveram prioridade as voluntárias que passavam, lavavam, cozinhavam e tomavam conta das crianças, além daquelas que Aparecida acolheu da rua para criar e hoje já estão grandes, ajudando na creche, como é o caso de Marlene, de 13 anos que era menina de rua e foi morar na creche com apenas 8 anos, e hoje ajuda a dar banho nas crianças. Além dessas também trabalhavam as mães que ajudavam Aparecida na creche e na escola quando alguma voluntária resolvia se mudar, as pessoas que auxiliavam a creche na sua rotina, como o carregador de água, a vendedora da roupas doadas pelos transeuntes da Avenida Oswaldo Aranha e o "funcionário" do bar que Aparecida mantinha na frente da creche, que abastecia a creche, principalmente no final do mês, quando a comida começava

a acabar.

A moradia dos habitantes da Vila Anastácia não se resumia aos barracos construídos sob a linha férrea. Sete das 60 famílias utilizavam uma fenda do viaduto do metrô, localizada a cerca de 3 metros do chão, como lar. Para transformar o vão em casa, eles fecharam a fenda com tapumes de madeira e colocaram seus pertences. O acesso só era possível com auxílio de uma escada.

Mas a decepção aguardava as famílias da Vila Anastácia no novo endereço, o Parque da Conquista. Os três módulos em forma de U, com 12 moradias de espaço mínimo (15m), construídas pela Prefeitura não estavam prontas, faltava ligar a energia elétrica e a água encanada não existia. Para cada módulo, foram construídos 8 banheiros, 4 femininos e 4 masculinos.

Com a mudança de endereço, boa parte das crianças ficaram sem escolas, pois ainda não tinha sido posto em prática o projeto de construção da escola (uma das exigências feitas por Aparecida durante as negociações de mudança com a Secretaria de Habitação), que atenderia as crianças da Vila Anastácia, do Conjunto Margaca e do Parque da Conquista. Esta escola não seria informal, porque desta vez seria uma instituição aprovada pelos órgãos do governo.

A creche continua funcionando precariamente pois as

doações das pessoas voluntárias praticamente acabaram desde que a população se mudou para o Parque da Conquista, e as do Comitê diminuíram assustadoramente, pois as doações que eram depositadas na conta ficaram restrita somente a doação do vale ticket refeição dos funcionários. Através do trabalho de Aparecida e suas irmãs, Elizabeth e Lúcia Helena que trabalham voluntariamente, a creche continua atendendo as crianças que foram abandonadas pelos pais e aquelas das famílias que foram para o Parque da Conquista. A sede da creche é a casa de Aparecida, que é importante lembrar tem as mesmas dimensões descritas anteriormente.

Hoje, após, a transferência de parte da favela juntamente com a escola e a creche, o governo depois de tantos anos omissos, acena com propostas de ajudar a Escola Informal Escrava Anastácia e a Creche Informal Tia Aparecida. Há um projeto de construção de uma sede para abrigar a escola e a creche, que passarão a ser comunitárias, atendendo e beneficiando as famílias da Vila Anastácia, como também as famílias da Comunidade do Parque da Conquista que lá já residiam. No entanto, apesar das lutas, dos protestos de Aparecida, das pressões dos comitês da Cidadania, não há nada mais além do projeto e de uma listagem de boas intenções que até o momento não se traduziram em realizações concretas. Note-se que até a infra-estrutura de saneamento básico não estava completamente pronta, quando as pessoas foram removidas.

O projeto do Governo pertence à Secretaria de Desenvolvimento Social do Município do Rio de Janeiro, associada com a secretaria de Habitação.

CONCLUSÃO

As práticas efetuadas sob o viaduto do metrô da Praça da Bandeira, no que tange aos aspectos educacionais foram efetuadas por motivos de necessidade, revolta e discriminação de uma cidadã que não conseguiu matricular a filha numa escola da rede pública e gratuita do estado, por não possuir um endereço fixo.

A trajetória da escola até os seus últimos dias de existência naquela localidade, sofreu vários tipos de perseguições e discriminações por parte do governo e da sociedade; por acharem que não havia condições físicas e higiênicas para receber essa demanda de crianças, em virtude da carência total de infraestrutura.

A necessidade daquelas pessoas lideradas por Aparecida as impulsionou a ultrapassar todos os tipos de barreira, chegando a escola a funcionar muito precariamente, mas expandindo-se com o passar dos anos e tornando-se um projeto inédito e audacioso.

Vimos que a efetivação e o sucesso do primeiro projeto, Escola Informal Escrava Anastácia, deu origem em menos de um ano após a sua existência a um novo projeto, a construção da Creche Informal Tia Aparecida, que funcionou até os seus últimos dias de existência naquela localidade, atendendo não só as crianças da Vila Anastácia, como também crianças de favelas

vizinhas, dentro do número de vagas possíveis que se relacionava diretamente a possibilidade de alimentação. Revelou-se presente na experiência da demanda das massas miseráveis por um local gratuito e seguro em que pudessem deixar os filhos para trabalhar.

Apesar de serem informais e vistas à margem pelos órgãos do governo e pela sociedade, se tornaram um movimento de resistência e de relevada significância daquela população frente ao Sistema Público de Ensino e ao governo; por ter se fixado e se estruturado, atendendo a um número considerável de crianças durante os cinco anos que ali permaneceram.

Esse movimento de resistência, aconteceu graças a ajuda de pessoas da comunidade local, que ajudavam voluntariamente na creche, de transeuntes da movimentada Avenida Oswaldo Aranha, que contribuíram doando alimentos e materiais didáticos, por se sensibilizarem com a situação de miséria e necessidade, se solidarizaram com as iniciativas dos indivíduos envolvidos naquela situação por acharem a existência de uma escola e uma creche embaixo do viaduto, um movimento de garra e coragem daquela população, em mostrar para o governo uma faceta da crise que passa o sistema educacional; que por enfrentar inúmeros problemas, não se encontra preparado para receber esta demanda de crianças que fazem parte de um contingente de indivíduos que vivem na rua, discriminando e estigmatizando mais uma parcela da

sociedade, dentre as outras que a escola já rejeita, sob os mais diversos pretextos localizados nos aspectos sociais, econômicos e culturais.

Devido a discriminação que sofreu junto com sua filha, Aparecida não viu outras possibilidades de suprir a demanda por educação da população que se situava sob o viaduto do metrô e funda no referido contexto, precariamente, uma escola e posteriormente uma creche; causando conflitos com os órgãos públicos competentes, que porém não mudaram o fato, até os seus últimos dias de existência sob o viaduto.

Com a construção da escola e da creche, Aparecida pôde tirar algumas crianças da rua, não deixando que elas entrassem para o mundo da criminalidade e também não deixando que elas se tornassem alvo de adultos que delas fazem uso para a prática da mendicância, da comercialização de drogas ou roubos e assaltos; dando mesmo que de forma precária, uma educação.

E mesmo que não conseguissem apreender alguns conteúdos da leitura, escrita e cálculo, elas aprederiam hábitos e costumes, modo de se comportar, de saber dividir, de que não se apanha nada que não é seu; enfim, teriam a oportunidade de tomar contato com o mundo letrado, de brincar, fazer amigos, criando laços afetivos e sociais.

Na verdade, aquele espaço era uma escola em que todos os

professores que por ali passaram, tentavam transmitir principalmente lições de vida e de coragem para aquelas crianças; sempre partindo da realidade que os cercavam; porque nunca se podia prever se eles voltariam no dia seguinte para as aulas. Parece, no entanto que em nenhum momento se revelou claro uma tentativa de compreensão do mundo em que viviam, das razões da pobreza e da miséria.

Infelizmente, a escola conviveu durante esses anos que ali permaneceu, com o problema de que era informal, marginalizada e que não tinha meios de se oficializar o aprendizado ali obtido. Com as experiências vividas, Aparecida esperava poder oferecer às crianças condições de no futuro, procurar uma escola da rede oficial, onde elas iriam obter um diploma; ou seja, um documento que comprovasse a aprendizagem dos conteúdos ministrados e da frequência; porque, indituosamente a Escola Informal Escrava Anastácia não fazia.

Durante as negociações, Aparecida lutou e ainda continua lutando junto à Secretaria de Habitação para conseguir concretizar o projeto de uma escola que atendesse as crianças da Vila Anastácia, do Conjunto Margaca e do Parque da Conquista.

Esta escola não mais seria informal, mas sim, uma escola formal, o que não garante que esteja preparada para atender essa população de rua que é banida e discriminada do Sistema Público de Ensino.

Infelizmente, o projeto da escola ainda não foi posto em prática sob o argumento de ausência de espaço físico. É claro que ficará pendente como outras tantas necessidades de construção de escolas públicas que estão aguardando nas gavetas há longos anos. A creche continua funcionando, mesmo que precariamente na minúscula casa de 15 metros quadrados de Aparecida, atendendo somente as crianças da antiga Vila Anastácia que foram transferidas e contando ainda com a ajuda voluntária das irmãs de Aparecida.

Os fatos relatados no decorrer do trabalho, foram suficientes para justificar a relevância do estudo e seu significado, no sentido de registrar uma experiência na favela, podendo vir a se mostrar como uma prática de reflexão do movimento de resistência, uma reflexão no que diz respeito a uma educação formal, a metodologia utilizada nas escolas públicas que através de suas práticas continuam ratificando a discriminação social, econômica e cultural.

REFERENCIA BIBLIOGRAFICA:

- A crise do ensino básico. *O Dia*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1994.
Opinião, p. 4.
- AHMED, Marcelo. Uma creche embaixo do viaduto. *Jornal do Brasil*,
Rio de Janeiro, 28 fev. 1993, p. 15.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Rio de
Janeiro, Graal, 2. ed., 1985.
- APARECIDA sugere e a escolinha é logo inaugurada. *O Globo*, Rio
de Janeiro, 16 abr. 1991. *Globo Tijuca*, p. 4.
- BARBOSA, Gustavo. Escola nasce da revolta. *Beijo da Rua*, Rio de
Janeiro, Ano V, número 13, 1993. *Crianca*, p. 11.
- BARRACO abriga escola e creche em uma favela do Maracanã. *O*
Globo, Rio de Janeiro, 14 jan. 1992. *Grande Rio*, p. 10.
- BRAGA Claudia, e MACEDO, Ana Beatriz . O povo improvisa escola.
Jornal Roda Viva.
- CERQUEIRA, Sofia. Ex-doméstica abre creche sob viaduto. *O*
Globo, Rio de Janeiro, 3 jan. 1992. *Grande Rio*, p. 11.
- ESCOLA completa 2 anos funcionando no viaduto. *O Povo*, Rio de
Janeiro, 22 dez. 1992. *O povo na rua*, p. 5.

- ESCOLA sob viaduto fará um ano no fim do mês. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 nov. 1991. Grande Rio, p. 13.
- ESCOLINHA do viaduto: garra para ensinar criança carente. **O Povo**, Rio de Janeiro, 6 fev. 1991. Cidade/Cidade, p. 7.
- ESCOLINHA precisa de novas doações. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 jun.1991. Tijuca, p. 13.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 17. ed., 1991.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 21. ed., 1993.
- Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos. **A Educação no Brasil e o Analfabetismo**. Brasília, 2. ed., 1988.
- LIMA, Lauro de Oliveira. **O Impasse na Educação: diagnóstico, crítica, prospectiva**. Rio de Janeiro, Vozes, 2. ed., 1969.
- LINS, Lucinha. Uma escola debaixo da ponte. **O Dia**, Rio de Janeiro 10 dez. 1994. O rio que da certo, p. 3.
- LUDKE, M. e ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, E.P.U. , 1986.
- MENDES, D. (Org). **Filosofia da Educação Brasileira**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988.

- NOBRE, Carlos. Crianças e adultos aprendem a ler em sala debaixo do viaduto, *O Dia*, Rio de Janeiro, 7 out. 1990. Cidade/Educação, p. 6.
- PREFEITURA acaba com invasão de viaduto na Praça da Bandeira. *O Dia*, Rio de Janeiro, 3 mar. 1995. Cidade/ Nacional, p. 2.
- RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da Educação Brasileira: a organização escolar*. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 8. ed., 1988.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. São Paulo, Autores Associados, 25. ed., 1991.
- SILVA, Nilton da. Processo de Canonização. In: SILVA, Nilton da e SILVA, Ubirajara Rodrigues da. *MILAGRES E GRACAS: Escrava Anastácia*. Rio de Janeiro, 1984.
- SHOLL, Daniela. Escola sob o viaduto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 set. 1991. Caderno B, P. 6.
- SHOLL, Daniela e VENTURA, Zuenir. Eles sentem enorme prazer em fazer o bem. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Os Militantes da Fraternidade, 22 dez. 1991. 1o. Caderno, p. 23.
- SOARES, Nilson. Ex-doméstica monta no Rio creche sob viaduto do metrô. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5 jan. 1992. Geral, p. 13.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação Não é Privilégio*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio. 1957.

TRIVINOS, Augusto N. S. *Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, Atlas. 2. ed., 1990.

UMA mãe contra a discriminação. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1992. Grande Rio, p. 9.

WARD, Miriam Jorge. *Educação e Estrutura Social: a profissionalização em questão*. São Paulo, Moraes. 3. ed., 1983.